

## **AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UMA ABORDAGEM GERATIVA**

*Fernanda Viana de Sena* (UEMS)

[ferviana01@hotmail.com](mailto:ferviana01@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

### **RESUMO**

A aquisição da linguagem é o processo pelo qual uma criança adquire e desenvolve a linguagem. A linguagem da criança sempre provocou interesse tanto de leigos quanto de estudiosos. É uma área híbrida, heterogênea e multidisciplinar. Com isso, a alta complexidade do estudo é abordada por diversas ciências, inclusive as ciências cognitivas: linguística, psicolinguística, neurologia, filosofia e a ciência da comunicação. No fim da década de 1950, Noam Chomsky impulsionou um avanço linguístico em contraponto à teoria behaviorista já existente, cujo o maior expoente era o psicólogo Skinner. A teoria behaviorista afirmava que a aprendizagem de uma língua materna era um fator em que a criança era exposta ao meio decorrente de mecanismos comportamentais associados ao estímulo, resposta e reforço, sem mencionar os processos cognitivos pelos quais a linguagem passa na mente. Noam Chomsky com seu moderno estudo da linguagem introduz a teoria que a língua não é fruto do meio e sim fruto da mente humana, um fator biológico, inato. (CHOMSKY, 1986; PINKER, 2002). Idealizou, portanto, a teoria da gramática gerativista que pretende analisar aspectos da mente da criança descrevendo como o ser humano é capaz de adquirir, desenvolver e colocar em uso uma língua materna. Para Pinker (2002), a linguagem é um “instinto”, que pode ser comparada à produção de teia pela aranha, já que ela possui todas as condições fisiológicas e anatômicas possíveis para desenvolver sua arte geométrica, sem ter nenhum conhecimento de geometria plana. Observa-se esse instinto em outros animais e, em relação à aquisição da linguagem, não é diferente, sendo um instinto. A criança já nasce com a capacidade de linguagem e toda estrutura de uma língua. Defende ainda que existe uma faculdade da linguagem composta por princípios e parâmetros (CHOMSKY, 1986) que estabelece a estrutura da língua materna localizada na mente, o que vai muito além da aquisição do léxico específico de uma língua.

**Palavras-chave:** Aquisição da linguagem. Psicolinguística. Gerativismo.

### **1. Introdução**

Desde de que o ser humano surgiu na Terra, foi capaz de conquistar e dominar outros animais e o planeta. Organizou-se em grupos sociais capaz de alterar o curso dos acontecimentos por sua inteligência e razão. O homem tem buscado compreender e descrever os fenômenos naturais existentes a fim de revolucionar a vida em sociedade. Assim ele analisa, avalia e sistematiza a inter-relação que não deixa de ser um tipo de inte-

ligência, conforme os pressupostos de Gardner (2003).

Assim como a necessidade física e fisiológica de qualquer ser humano, a comunicação é essencial para a manutenção da espécie. Mesmo para se alimentar, os homens, em tempos remotos, precisaram se entender e cooperar uns com outros por meio da linguagem. O poder da palavra não é apenas um recurso superficial de uma relação comunicacional, nem apenas uma moeda mercantil, mas, ela transforma conceitos e valores intrínsecos gerados por culturas e ideologias, ela convence o espírito e persuade a alma. Na história da civilização humana, uma palavra escrita ou falada tem poder tão grande que basta utilizá-la para o mundo mudar, para produzir uma guerra, para anunciar boas novas, para proclamar a tão desejada independência. E é a partir dessa complexidade que, ao longo dos anos, estudiosos interessados buscam conhecer, aprimorar ou reafirmar teorias que estudam a linguagem.

Além disso, o estudo da linguagem vem ocupando um lugar especial na área de ensino/aprendizagem de línguas a fim de proporcionar aprimoramentos às técnicas e às metodologias inseridas no universo dos profissionais educacionais que se envolvem de forma direta ou indireta no uso e manifestações dos fenômenos linguísticos, entre o processo de aquisição da linguagem, conforme veremos a seguir.

## **2. A aquisição da linguagem: um problema linguístico**

O século XX é chamado de o século da linguagem. Durante esse período houve um grande número de pesquisas linguísticas que fizeram com que especuladores leigos ou estudiosos avançassem em suas teorias e experiências. Saussure, no início do século, auxiliou no desenvolvimento dos estudos linguísticos, de acordo com sua visão crítica dos problemas da linguagem existentes e organizou as dicotomias para estudar e sistematizar a língua.

A linguagem é híbrida, heterogênea e multidisciplinar. As questões linguísticas interessam a todos, leigos, historiadores, filólogos etc. A alta complexidade do estudo é abordada por diversas ciências, inclusive as ciências cognitivas: linguística, psicolinguística, neurologia, filosofia e a ciência da computação/inteligência artificial.

Tratando-se da linguística, ciência da linguagem, seu objeto principal é a língua em si mesma. Todas as manifestações da linguagem, fenômeno geral da linguagem articulada, constituem o objetivo norteador

da linguística, considerando-se todas as formas de expressão, sejam elas formais ou informais de uma comunidade linguística. Até pouco tempo, gramáticos preocupavam-se apenas com a linguagem literária e marginalizava a linguagem coloquial cotidiana.

Admitindo a linguagem como instrumento de comunicação, a língua como um código social, em que se estabelece a relação comunicacional entre um emissor (aquele que codifica) e o receptor (aquele que decodifica), não há relatos de sociedades que tenham vivido ou que vivam sem interação verbal. Há muitas indicações que o homem é estruturado biologicamente para adquirir e desenvolver a linguagem, conforme veremos adiante. Há duas perspectivas no estudo das línguas, uma utiliza a língua como conhecimento inerente a todos (gerativismo) e a outra utiliza como produto social (estruturalismo).

Segundo Lese (1985), o problema de compreender a aquisição e desenvolvimento da linguagem não é o de descobrir as estruturas superficiais de uma língua, mas sim as estruturas profundas e abstratas que são responsáveis por todas as atividades verbais. A partir dessa dificuldade, surgem a hipótese empirista, em que o sistema linguístico é determinado exclusivamente pela experiência e a hipótese racionalista, em que o sistema linguístico faz parte do equipamento natural inato.

A visão de que o meio e a experiência sejam o único fator relevante no comportamento linguístico humano começa a ser combatida nos estudos da linguagem no início dos anos 1960. Em uma resenha de Noam Chomsky do livro *Comportamento Verbal* de Skinner. Nela, Chomsky posiciona-se contra a visão ambientalista da aquisição da linguagem e começa rejeitando as evidências skinnerianas, provenientes de experimentos laboratoriais com animais, para linguagem humana, específica da espécie.

## **2.1. Os problemas sobre a aquisição da linguagem**

A aquisição da linguagem é o processo pelo qual uma criança adquire e desenvolve a linguagem. O assunto sempre provocou interesse tanto de leigos quanto de estudiosos, desde a Antiguidade Clássica. O fato é que relatos constantes têm sido registrados ao longo dos séculos e chegaram até nós. Tais relatos dizem respeito às primeiras palavras de uma criança ou a que condições a criança deveria ser exposta para aprender a falar.

Scarpa (2001), lembra que Heródoto narra que, no século VII a.C., o rei Psamético do Egito ordenou que duas crianças fossem confinadas desde o nascimento até a idade de dois anos, sem convívio com outros seres humanos, a fim de se observarem as manifestações linguísticas produzidas em contexto de privação interativa. Ao cabo de dois anos de total isolamento as crianças emitiram uma sequência fônica interpretada como “*bekos*”, palavra frígia para “pão”, língua indo-europeia dos frígios, um povo da Ásia Menor da Idade do Bronze.

Ao saltarmos para o século XIX, alguns linguistas, guiados tanto por interesse paterno quanto profissional, elaboraram diários da fala espontânea de seus filhos. Estes foram chamados de “diaristas”, formam os primeiros estudos mais sistematizados de que se tem notícia na época. No fim da década de 1950, Noam Chomsky impulsionou um avanço linguístico em contraponto à teoria behaviorista já existente, cujo o maior expoente era o psicólogo Skinner. A teoria behaviorista afirmava que a aprendizagem de uma língua materna era um fator em que a criança era exposta ao meio decorrente de mecanismos comportamentais associados ao estímulo, resposta e reforço, sem mencionar os processos cognitivos pelos quais a linguagem passa na mente.

Noam Chomsky com seu moderno estudo da linguagem introduz a teoria que a língua não é fruto do meio e sim fruto da mente humana, um fator biológico, inato. (CHOMSKY, 1986; PINKER, 2002). Organizou a teoria da gramática gerativista que pretende analisar aspectos da mente da criança descrevendo como o ser humano é capaz de adquirir, desenvolver e colocar em uso uma língua materna.

Para Pinker (2002), a linguagem é um “instinto”, que pode ser comparada à produção de teia pela aranha, já que ela possui todas as condições fisiológicas e anatômicas possíveis para desenvolver sua arte geométrica, sem ter nenhum conhecimento de geometria plana. Observa-se esse instinto em outros animais e, em relação à aquisição da linguagem, não é diferente, sendo um instinto.

A criança já nasce com a capacidade de linguagem e toda estrutura de uma língua. Defende ainda que existe uma faculdade da linguagem composta por princípios e parâmetros (CHOMSKY, 1986) que estabelece a estrutura da língua materna localizada na mente, o que vai muito além da aquisição do léxico específico de uma língua.

A elevada complexidade do fenômeno de aquisição da linguagem da criança fez com que correntes e propostas fossem difundidas com ob-

jetivos diferentes, sobretudo um estudo mais sistematizado no campo da psicologia e da linguística. Segue-se assim, vertentes que trazem discussões quanto às evidências e os meios utilizados para comprovar diferentes modelos teórico-metodológicos.

Na psicologia, os estudos sobre a linguagem focalizam a análise e a interpretação dos dados linguísticos da criança enquanto comportamentos linguísticos. Na linguística, o interesse principal é a língua em si mesma, ou seja, todas as manifestações linguísticas. Dois interesses distintos, mas que outrora se unem. A psicolinguística surge a fim de abordar os comportamentos da linguagem no âmbito do funcionamento psicológico da criança e busca na linguística recursos teóricos e metodológicos.

No próximo item, vamos discorrer sobre a essência das abordagens sobre a aquisição da linguagem.

### **3. As abordagens sobre a aquisição da linguagem**

Abaixo apresentaremos as origens do estruturalismo e do gerativismo, assim como suas principais contribuições para o estudo da aquisição da linguagem.

#### **2.1. Estruturalismo**

Na Europa, o estruturalismo desenvolveu-se na Escola Linguística de Praga. A corrente estruturalista foi marcada pela publicação do *Curso de Linguística Geral* (1916), obra póstuma do linguista suíço Ferdinand Saussure. Traz discussões do linguista por meio de anotações de seus alunos. A partir desta obra, a linguística se elevou ao lugar de ciência e o estruturalismo desenvolveu suas bases. Além disso, discute-se distinção entre língua e fala, forma e conteúdo, noções de pertinência e noções de signo, significante e significado.

O estruturalismo norte-americano desenvolveu-se entre as décadas de 1920 a 1950, o linguista americano Leonardo Bloomfield marcou a linguística estrutural de seu país após a publicação da revista *Language* (LEPSCHY, 1975). O linguista é conhecido pela sua visão material, mecanicista e comportamentalista do fenômeno da linguagem, fundamentada na teoria de estímulo – resposta. Concepção relacionada com o behaviorismo de Skinner.

Outro nome dado ao estruturalismo, quando se refere ao processo de aquisição da linguagem, é “behaviorismo”, que significa “comportamento”, em inglês.

Segundo Finger (2007), o behaviorismo é uma abordagem psicológica de estudo do comportamento animal – humano ou não humano – surgida nos meios acadêmicos do Estados Unidos no início do século XX, que dominou parte da psicologia norte-americana entre os anos de 1920 e 1960. John B. Watson (1878 – 1958) é considerado o principal fundador da escola behaviorista, suas ideias foram consideradas um behaviorismo metodológico enquanto surgia uma abordagem mais radical do behaviorismo, cujo maior expoente foi o psicólogo Burrhus Frederic Skinner.

Fiel às ideias comportamentalistas de Watson, Skinner lançou a obra *Verbal Behavior* ao estudo do comportamento verbal. Nesta concepção, a linguagem é limitada a um conjunto de respostas associadas a situações de condicionamento. Esse método explica que a linguagem é a soma de hábitos verbais de uma criança condicionada ao meio, tendo o adulto como seu paradigma linguístico. (SOARES, 2009)

Segundo a abordagem estruturalista (behaviorista), a criança aprende a linguagem por imitação e reforço, a aprendizagem é entendida como um treinamento e a aquisição da linguagem é um processo gradual de estocagem de reforços. A teoria pressupõe que a criança é uma “tábula rasa”, ou seja, ela não carrega consigo nenhum conhecimento e o que ela aprende é adquirido através de experiências com o meio, num processo de integração com outros. Skinner diz que qualquer manifestação por parte do adulto (aplausos, alimentos, dinheiro) que incentive a criança torna o reforço positivo. Da mesma forma, há o reforço negativo (castigo, ofensas e agressões físicas).

Scarpa (2001) aponta que a aquisição é vista como resultado da interação entre o ambiente e o organismo, na concepção de Piaget (1979), através de assimilações e acomodações, responsáveis pelo desenvolvimento da inteligência e não como resultado do desencadear de um módulo (um órgão) específico para a linguagem. Por isso, é dito que a visão de Piaget sobre linguagem é não modularista.

### **3.1. O gerativismo**

A partir dos anos 1950, surge a teoria gerativista diante da inquietude

tação intelectual do linguista Noam Chomsky e inspirado pelo racionalismo, contrapõe-se à visão ambientalista sobre aquisição da linguagem. Inicialmente, Chomsky, por meio de sua obra *Syntactic Structures* (1957), determina a distinção de duas produções linguísticas, aquelas que são possíveis linguisticamente e as que não são, em outras palavras, sentenças gramaticais e sentenças agramaticais. A teoria procura dar conta do aspecto “criativo” da linguagem baseada no desencadeamento de um dispositivo inato, inscrito na mente. Para evidenciar isso e desconstruir a ideia de que linguagem é fruto do meio, Chomsky utiliza o *Problema de Platão*: como é possível a criança saber tanto a respeito de sua língua materna se ela teve tão poucos estímulos e grande parte destes estímulos podem ser considerados falhos ou corrompidos? Tal questionamento realça a ideia do inatismo, partindo do pressuposto de que o ser humano dispõe de uma capacidade inata para a linguagem.

Assim surge a gramática gerativa de Noam Chomsky. Gerativa (gerar – criar frases) porque permite, a partir de um número limitado de regras, gerar um número infinito de sequências (ORLANDI, 1986). A linguagem é entendida como sintaxe, um conjunto de regras que a criança vai gerar, independentemente de toda regra exterior. Chomsky (1957), a criança é equipada geneticamente de um “dispositivo de aquisição da linguagem” (*language acquisition device*) que lhe dá acesso às categorias gramaticais e às estruturas gramaticais de base, ou seja, a criança recebe o *input* da linguagem do adulto, analisa-o e escolhe a regra fazendo apagamentos, inversões, substituições, acréscimos, negações e afirmações de acordo com sua intenção e necessidade.

Chomsky apresenta em *Aspects of the theory of syntactic* (1965) a *Teoria Standard*. Nessa obra, Chomsky diz que a gramática mental gera um marcador sintagmático inicial, a estrutura profunda (estrutura – D) que a partir de operações do indivíduo, transforma e converte a estrutura – D em estrutura superficial (estrutura – S). Toda essa transformação é realizada por meio dos componentes interpretativos: o sistema articulatório-perceptual (SAP) e o sistema conceptual-intencional (SCI) que operam sobre os componentes sintáticos. Em outras palavras, o módulo mental da criança marca um sintagma, utilizando os componentes interpretativos para uma sequência que ainda está mente, opera os valores sintáticos pertencentes a sua gramática mental.

Quando o indivíduo nasce, ele tem o estágio inicial da faculdade da linguagem, ou seja, uma gramática internalizada comum a todos. De acordo com o seu crescimento, a faculdade da linguagem se desenvolve

como qualquer outro sistema do seu corpo e passará por outras fases até chegar a um estágio mais profundo e rígido da linguagem. De acordo com a maturação do sistema nervoso central da criança, o sistema de regras pré-estabelecido na primeira infância vai se modificando. (BRONCKART, 1977)

Kenedy (2009) salienta que nem mesmo o mais potente e completo computador moderno é capaz de reproduzir os aspectos mais elementares do comportamento linguístico de uma criança de menos de 3 anos de idade, como criar ou compreender uma frase completamente nova.

Num segundo momento da teoria chomskyana, a linguagem está ligada a mecanismos inatos da espécie humana e comum a todos, daí a ideia de gramática universal, baseada em princípios universais pertencentes a faculdade da linguagem e de parâmetros, por meio do contato com a língua materna. Alguns dos parâmetros que têm sido postos em questão são: se a língua opta por sujeito nulo ou objeto preenchido, pela colocação dos clíticos, pelo tipo de flexão ou estrutura temática do verbo, além de outros. (SCARPA, 2001).

A gramática universal é, portanto, “a soma dos princípios linguísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie” (RAPOSO, 1992, p. 46). O autor ainda considera que a criança ambientada verbalmente é levada a ativação dos mecanismos de aquisição, porém esta inserção no ambiente não determina as propriedades de seu sistema gramatical.

Para colaborar com a teoria de Chomsky, Pinker (1997), em uma entrevista publicada pela *Folha de S. Paulo*, diz que a linguagem é inata e instintiva como o sexo e a fome, isto é, a necessidade leva a criança a desenvolver e criar regras mentais para satisfazer suas prioridades. Quando ele fala de regras da linguagem, não são aquelas convencionadas, mas uma espécie de programa para a linguagem, colocado no cérebro, a gramática universal l que, segundo Pinker, é uma estrutura subjacente que todas línguas possuem em comum. Para Pinker (2002), a linguagem é um “instinto”, que pode ser comparada à produção de teia pela aranha, conforme dito anteriormente, já que ela possui todas as condições fisiológicas e anatómicas possíveis para desenvolver sua arte geométrica, sem ter nenhum conhecimento de geometria plana. Observa-se esse instinto em outros animais e, em relação à aquisição da linguagem, não é diferente, sendo um instinto.

Lemle (1998) corrobora dizendo que há conhecimento inato, sem



ensinamento e sem experiência, pré-embutido na mente, baseada nisso, a teoria moderna assume que a mente não é uma tábula rasa e procura descobrir que princípios cognitivos estão instalados a priori na espécie humana, um caso predisposição biológica.

Para descrever o funcionamento da gramática universal, Chomsky (1980) formula a teoria de princípios e parâmetros. Os parâmetros são entendidos como variações dos princípios e os princípios como universais. Para Chomsky, todas as línguas possuem um conjunto de opções que são universais. Assim, uma língua particular deve escolher um parâmetro. Sob essa perspectiva, a criança categoriza os dados do meio ambiente linguístico e os utiliza como evidência para construir uma língua interna.

Os princípios são universais e invariantes, fato que leva todos os falantes ao mesmo conhecimento linguístico mental, apesar de tal conhecimento se manifestar de várias formas, o que gera as diferentes línguas no mundo. A criança, no processo de aquisição da linguagem, deve fixar o valor dos parâmetros, ou seja, as regras locais, com base nos dados aos quais ela está exposta, além de adquirir o vocabulário específico de sua língua. O número de dados que um falante tem acesso é limitado, mesmo assim consegue gerar infinitas frases gramaticais. É algo tão natural que fica impossível precisar a natureza do processo de aquisição da linguagem

Essa teoria possui duas fases: a fase da teoria da regência e da ligação (TRL), que permaneceu na década de 1980, e o programa minimalista (PM) em desenvolvimento da década de 1990 até os dias de hoje. Especificamente, em 1995, Chomsky dá origem ao livro *Programa Minimalista*, com a intenção de entender a linguagem sob os aspectos de economia e simplicidade, nessa nossa perspectiva, aborda a interação das demais faculdades mentais com a faculdade da linguagem. O programa busca compreender e caracterizar o modo como a gramática universal permite que línguas particulares sejam distintas uma das outras. Pressupõe-se, nesse programa, que a mente humana está organizada em módulos que interagem entre si. Seguindo o raciocínio de Pylyshyn, Chomsky propõe o estudo cognitivo no nível de mental abstrato e entende que conhecer uma língua é o mesmo que gerar um sistema de conhecimento mental, assim, para se desenvolver esse sistema, a criança tem de ser exposta aos dados do ambiente linguístico.

No próximo item abordaremos as evidências a favor da proposta

gerativista.

#### **4. As evidências a favor do gerativismo**

Na década de 1960, o alemão Eric Lenneberg apresentou uma série de evidências a favor do inatismo defendido por Chomsky, que apresentaremos abaixo.

##### **4.1. Os argumentos de Lenneberg**

De acordo com Lenneberg (1963) há atividades pertencentes à espécie humana predispostas biologicamente e outras decorrentes de criação cultural. Partindo desse pressuposto, o neurocientista se vale de tais argumentos para comparar o andar bípede (decorrente de uma predisposição biológica) e a escrita (uma criação cultural), bem como analisar de que lado se enquadra a capacidade linguística a partir de quatro critérios:

- (i) variação dentro da espécie: traços herdados são invariáveis em todos os integrantes da espécie e traços culturais variam de acordo com os argumentos sociais. O andar bípede é utilizado por todos os seres humanos, não há relatos de sociedades que possuam um andar diferente, trata-se, portanto, de predisposição biológica. Por outro lado, a escrita não é utilizada por toda as populações do mundo e apresenta grande variação, sendo, portanto, uma criação cultural.
- (ii) a existência de história do desenvolvimento do aspecto a partir de um estágio primitivo: não é possível traçar a história do andar bípede, nem localizar focos de difusão cultural para o seu uso, no caso da escrita é possível rastrear a origem, o desenvolvimento e a difusão cultural dos diferentes sistemas de grafia.
- (iii) predisposição hereditária: O andar bípede não é ensinado nem aprendido pela prática, antes ele decorre de uma conformação biológica. Por outro lado, o falar decorre de uma habilidade do cérebro humano. Para a escrita, entretanto, não há evidência dessa predisposição, basta observar a existência de povos ágrafos, que podem ser modificados a qualquer momento, bastando um treinamento específico.
- (iv) a presença de correlações orgânicas que possibilitam o falar. Pa-

ra o andar bípede é necessário possuir certa estrutura anatômica e uma fisiologia do equilíbrio específica. No caso da fala, é necessário existir todo um sistema fônico e articulatório. Já no caso da escrita, o contato da criança com material escrito, lápis e papel não produz automaticamente a capacidade de ler e escrever, já que a escrita é um ato cultural.

#### **4.2. As evidências a favor do inatismo na aquisição da linguagem**

Entre as evidências que podem ser destacadas, pode-se citar Lese (1985), que apresenta fatos que comprovam o inatismo na aquisição da linguagem:

- (i) A uniformidade da aquisição da linguagem: há muitas habilidades físicas e intelectuais que as crianças podem deixar de dominar, exceto a linguagem, aquilo que adquirido não é esquecido. Diferentemente da aprendizagem, que, se não houver repetição e treinamento, será esquecida. Um exemplo disso é a habilidade de tocar um instrumento musical, sem treino, perde-se a habilidade musical, por outro lado, o andar de bicicleta não é esquecido.
- (ii) A linguagem é privativa da espécie humana: experiências com macacos mostraram que mesmo criados com crianças não adquiriram nada que os assemelha à fala humana, apesar de apresentarem uma estrutura anatômica muito parecida com a humana. É comum, na teoria behaviorista, fazer experimentos laboratoriais com animais, uma prática bastante combatida pelo linguista Noam Chomsky.
- (iii) A relativa perfeição da aquisição da linguagem: se a linguagem refletisse uma inteligência específica seria de se esperar que fossem encontradas diferenças no processo de aquisição da língua materna. É muito relevante salientar essa evidência, pois ela ativa a ideia do meio como influenciador da aquisição da linguagem. Percebe-se que crianças que nascem em ambientes socialmente distintos, concebem o mesmo nível de gramaticalidade possível. Não existe uma absoluta perfeição de gramática pessoal. Caso contrário, crianças em maior contato com produções linguísticas “perfeitas” não cometeriam desvios de concordâncias, por exemplo, o que não é verdade.

- (iv) O caráter abstrato e a complexidade das línguas: A criança domina o léxico e a estrutura do sistema linguístico com base em evidências indiretas. A forma como ela adquire a língua não é sistematizada e mesmo assim ela consegue produzir sentenças aceitáveis.

## 5. Conclusão

Embora para a linguística o conceito do gerativismo já esteja estabelecido, para a literatura, para a comunicação de massa e mesmo para o senso comum ainda se acredita que a linguagem é fruto do meio e de uma mente vazia e de mente tábula rasa, como se fosse um papel em branco pronto para ser escrito.

No Brasil, existe o senso comum sobre o processo pelo qual a criança adquire e desenvolve a língua materna. É notória a preferência piagetiana no senso comum, inclusive, entre professores e educadores, principalmente no contexto latino-americano (PINKER, 2008). A mudança epistemológica parece muito radical ao afirmar que a linguagem é uma habilidade inata e exclusiva da espécie humana. Por isso, ao depararmos com obras literárias, com filmes, com novelas, com poemas ou mesmo com outros suportes, a noção apresentada é quase sempre do meio ambiente como determinante na aquisição da linguagem, como era apresentado por Skinner e seus seguidores, com base no behaviorismo.

Na literatura brasileira, podemos encontrar obras que de alguma forma reafirmam o conceito popular da linguagem como fruto do meio. Um dos casos mais emblemáticos pode ser encontrado em *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Na obra, Macunaíma ainda criança começa a falar aos 6 anos de idade, sem nenhum tipo de justificativa para tal atraso, nem mesmo um tipo de afasia. Enquanto que para o gerativismo, o balbúcio começa por volta dos 9 meses e a criança aos 30 meses já tem a estrutura básica da língua. Assim, o que a literatura faz, mesmo enquanto arte, é retomar o senso comum do meio como determinante, algo superado pela linguística desde os anos 1950. É comum, também, tentar mesclar a proposta gerativista com outras, principalmente com o construtivismo, de Piaget, o que é incoerente, já que cada uma delas parte de um pressuposto diferente. Conforme Lemle (1998), a criança de Piaget depende muito mais do meio e das condições de conhecimento do que de uma habilidade específica. O aparecimento da linguagem se dá no estágio sensorio-motor, por volta dos 18 meses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, B. *A compatibilidade de traços aspectuais entre a morfologia verbal e o advérbio na afasia de Broca agramática*. 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, Rio de Janeiro.

BRONCKART, J. P. *Théories du Language: Une introduction critique*. Liège: Margada, 1977.

CHOMSKY, Noam: *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Trad.: Lúcia Lobato; revisão de Mark Ridd. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

DUCROT, Oswald. *Estruturalismo e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1968.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 127-140.

LEMLE, Miriam. Conhecimento e biologia. *Ciência Hoje*, vol. 31, n. 182, São Paulo, SBPC, p. 34-41, 1998.

LENNEBERG, Eric H. *A capacidade de aquisição*. In.: COELHO, Marta; LEMLE, Miriam; LEITE, Yonne (Orgs.). *Novas perspectivas linguísticas*. Trad.: Miriam Lemle. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 55-92.

LEPSCHY, Giulio C. *A linguística estrutural*. São Paulo: Perspectiva: 1975.

NEVES, P. V. *A aquisição do sintagma complementizador por crianças falantes do português*, 2001. 94 p. Dissertação (de mestrado). – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

PIATELLI – PALMARINI, M. (Org.). *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem: o debate entre Jean Piaget e Noam Chomsky*. São Paulo: Cultrix/USP, 1983.

PINKER, Steven, *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Trad.: Claudia Berliner; rev. técnica: Cynthia Levart Zocca. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RAPOSO, Eduardo. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

RIBAS, G. *O Subjuntivo em português e inglês: uma abordagem gerativa*. 2014. 112 p. Dissertação (de mestrado em letras). – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARPA, Ester Mirian: Aquisição da linguagem. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 203-232.

SOARES, Maria Vilani. *Aquisição da linguagem Segundo a psicologia interacionista: três abordagens*. 2009. Trabalho final (da disciplina Tópicos em Aquisição da Linguagem II). – Universidade Federal do Piauí, Teresina.